



PRIMEIRA IGREJA BATISTA DE  
CAMPO GRANDE. *Rio*

**MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO CRISTÃ  
ESCOLA BÍBLICA DISCIPULADORA**

## **A DOCTRINA DE DEUS**

**Pr. Carlos Elias de Souza Santos  
Módulo I – Doutrinas Bíblicas.  
Curso de Verão**

## **A DOCTRINA DE DEUS.**

“Depois de dizer isso, Jesus olhou para o céu e orou: “Pai, chegou a hora. Glorifica o teu Filho, para que o teu Filho te glorifique.

Pois lhe deste autoridade sobre toda a humanidade, para que conceda a vida eterna a todos os que lhe deste.

Esta é a vida eterna: que te conheçam, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste.

Eu te glorifiquei na terra, completando a obra que me deste para fazer”.

(João 17:1-4).

**1. EMENTA:** Refletir sobre a DOCTRINA DE DEUS acerca da pessoa e obras de DEUS, incluindo sua existência e conhecimento, seus nomes, ser e atributos de DEUS. Compreender acerca da doutrina da Trindade, o eterno propósito de Deus e as obras da criação do mundo invisível, do mundo visível e da providência divina sobre a criação.

**2. OBJETIVO:** Ao final do curso o aluno deverá ser capaz de compreender, vivenciar e transmitir do ponto de vista teológico bíblico os conceitos nos quais se fundamentam os princípios doutrinários da igreja cristã, bem como relatar sua experiência na relação pessoal com o Criador.

### **3. CONTEÚDO PROGRAMÁTICO**

1. Introdução sobre a Doutrina de Deus. 04/02/2018.
2. As Definições de Deus. A Existência de Deus. 18/02/2018
3. Provas Bíblicas da Existência de Deus e Evidências Racionais. 25/02/2018.
4. Essência ou Natureza de Deus- 04/03/2018
5. Atributos de Deus e a classificação dos Atributos. 11/03/2018
- 6- Atributos de Deus – Atributos Morais. O Ensino da Trindade- 18/03/2018
- 7- O Ensino da Trindade – Conclusão. 25/03/2018

#### **I- AS DEFINIÇÕES DE DEUS.**

“O título “A Doutrina de Deus” , deve soar estranha a qualquer pessoa imparcial. Como pode o homem se comprometer a formular uma Doutrina de Deus?” (Emil Brunner). “Um homem que pensa poder instruir outros a respeito de Deus esqueceu-se do que está supondo fazer”. (Emil Brunner).

Para um Estudo sobre a Doutrina de Deus somente crendo nas Escrituras Sagradas como Palavra Revelada de Deus.

Não obstante ser um livro que trata essencialmente de Deus e do seu relacionamento com o homem, a Bíblia não tem como objetivo maior provar a existência de Deus. A existência de Deus é um fato indiscutível, portanto pacífico, no decorrer de toda a narrativa bíblica.

Assim como a Bíblia, a teologia não se propõe a esgotar o assunto sobre o Ser de Deus, mas apresentá-lo ao nível da compreensão do homem. Evidentemente, Deus como um Ser eterno, onisciente, onipresente, onipotente e santo, não pode ser aquilatado em sua plenitude pelo homem, cuja capacidade é limitadíssima em si mesma. Se a Bíblia diz que os céus, nem o céu dos céus podem conter a Deus (1Rs. 8.27), como a nossa ínfima compreensão seria capaz de aquilatá-lo? Comece onde começar, nossa pesquisa quanto à Pessoa de Deus será consumada sempre que nos virmos diante da declaração de Jesus à mulher samaritana “Deus é espírito...” (Jo. 4.24).

#### **a) Definição Filosófica de Platão:**

Deus é o começo, o meio e o fim de todas as coisas. Ele é a mente ou razão suprema; a causa eficiente de todas as coisas; eterno, imutável, onisciente, onipotente; tudo permeia e tudo controla; é justo, santo, sábio e bom; o absolutamente perfeito, o começo de toda a verdade, a fonte de toda a lei e justiça, a origem de toda a ordem e beleza e, especialmente, a causa de todo o bem.

#### **b) Definição da Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira:**

O Único Deus vivo e verdadeiro é Espírito Pessoal, terno, infinito e imutável; é onipotente, onisciente, e onipresente; é perfeito em Santidade, justiça, verdade e amor. Ele é o criador, sustentador, redentor, juiz e Senhor da História e do universo, que governa pelo seu poder, dispondo de todas as coisas, de acordo com o seu eterno propósito de graça. Deus é Infinito em santidade e em todas as demais perfeições. Por isso, a ele devemos todo o amor, culto e obediência. Em sua trindade, o eterno Deus se revela como Pai, Filho e Espírito Santo, pessoas distintas mas sem divisão em sua essência.

#### **POR QUE A TEOLOGIA FAZ A OPÇÃO POR ESSAS DEFINIÇÕES SOBRE DEUS?**

**“Os ensinamentos sobre Deus devem ser conhecidos, para que alguma coisa tola ou inconveniente não seja atribuída ao Senhor, ou para que outra pessoa, ou um estranho, não seja considerado o Deus verdadeiro” (Jacó Armínio).**

\*Jacó Armínio – Teólogo Holandês (1560-1609)

#### **DEUS SE REVELANDO CLARAMENTE:**

**“Pois desde a criação do mundo os atributos invisíveis de Deus, seu eterno poder e sua natureza divina, têm sido vistos claramente, sendo compreendidos por meio das coisas criadas, de forma que tais homens são indesculpáveis;**

**porque, tendo conhecido a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe renderam graças, mas os seus pensamentos tornaram-se fúteis e os seus corações insensatos se obscureceram”. (Romanos 1:18-21).**

## **II. A EXISTÊNCIA DE DEUS**

Aqueles que se dão ao estudo comparativo das religiões são unânimes em testemunhar que a crença na existência de Deus é de natureza praticamente universal. Essa crença acha-se arraigada até entre as nações e tribos menos civilizadas da terra. Contudo, isto não quer dizer que não exista aqui e ali indivíduos que negam completamente a existência de Deus, como nos revela a Escritura: um Ser supremo e pessoal, existente por si mesmo, consciente e de infinita perfeição, que faz todas as coisas de acordo com um plano pré-determinado. Outros creem na existência de Deus, porém não como a Bíblia ensina, o que se constitui noutra forma de negação de Sua existência. A forma de negação da existência de Deus é muito variada através da História.

### **2.1 - Formas de Negação da Existência de Deus**

**“Disse o néscio no seu coração: Não há Deus”. (Salmos 53.1).**

Dentre as mais conhecidas formas de negação da existência de Deus, destacam-se as seguintes:

**O ATEÍSMO.** Os ateus estão divididos em duas classes:

- a) o ateu prático;
- b) o ateu teórico.

Os primeiros são sensivelmente gente sem Deus, que na vida prática não reconhecem a Deus, e vivem como se Deus não existisse (Sl. 10.4).

**“Pela altivez do seu rosto o ímpio não busca a Deus; todas as suas cogitações são que não há Deus”. (Salmos 10:4)**

Os outros (teóricos) são geralmente de uma classe mais intelectual, e baseiam sua negação de Deus no desenvolvimento de um raciocínio. Tratam de provar por meios que eles consideram argumentos razoáveis e conclusivos, que não há Deus. O ateísmo visa suprimir a pessoa de Deus do coração e da mente do homem. O ateu, mente à sua razão, à sua própria consciência.

Num delirante deboche sobre a fé, Richard Dawkins disse o seguinte:

“Eu me divirto com a estratégia, quando me perguntam se sou ateu, de lembrar que o autor da pergunta também é ateu no que diz respeito a Zeus, Apolo, Amon Rá, Mithra, Baal, Thor, Wotan, o Bezerro de Outro e o Monstro de Espaguete Voador. Eu só fui um deus além”.

É nesse nível de intelectualidade que o ateu teórico justifica o seu ateísmo e procura defender sua crença sobre a não existência de Deus.

**O AGNOSTICISMO.** A palavra ‘agnosticismo’ vem do grego e significa ‘não saber’. O defensor do agnosticismo crê que nem a criação, nem os conhecidos fatos testemunhando a existência de Deus podem fazê-lo conhecido. Todo adepto dessa teoria alega crer unicamente no que pode ver e apalpar. Assim, todas as demais coisas, incluindo a fé em Deus, são relativas, isto é, o homem não pode saber qualquer coisa sobre Deus, haja visto que as citadas provas de sua existência estão fora do domínio das coisas materiais.

Para José Saramago, agnóstico convicto: “A Bíblia é um manual de maus costumes, um catálogo de crueldade e do pior da natureza humana”.

**O DEÍSMO.** O Deísmo admite que Deus existe, contudo rejeita por completo a sua revelação à humanidade. Para o Deísmo, Deus não possui atributos morais nem intelectuais, sendo até duvidoso que ele tenha influenciado na criação do Universo. Noutras palavras, Deísmo é a religião natural baseada no raciocínio puramente humano.

**O MATERIALISMO.** O materialismo declara que a única realidade é a matéria, e que o homem é um animal apenas, por isso não é responsável por suas atitudes e atos. Ele ensina que os diferentes comportamentos físicos e psíquicos humanos são simplesmente movimentos da matéria. Por conseguinte, o homem não tem do que, nem a quem prestar contas de seus atos. Como está patente, esta é uma outra forma ardilosa de negação da existência de Deus, pois se o homem, obra da criação divina, não é aquilo que a Bíblia diz ser, todos os perenes valores expressos nas Escrituras, inclusive a existência de Deus, são pura nulidade. Ex. Karl Marx.

**O PANTEÍSMO.** O Panteísmo ensina que no universo, Deus é tudo e tudo é Deus. Deus não é só parte do universo, mas é o próprio universo. O Hinduísmo é adepto desse falso ensino. O erro filosófico e religioso do panteísmo é confundir o Criador com a criação.

## **2.2 - Provas Bíblicas da Existência de Deus**

“Acredito em Deus Pai Onipotente, Criador do Céu e da terra”. (Martinho Lutero).

As Escrituras revelam o que Deus é, quantas pessoas há na Divindade.

O que Deus é (O Ser de Deus – Hebreus 11.6; João 4.24)

As pessoas na Divindade – 1 João 5.7; 2 Coríntios 13.14.

Na primeira página da Bíblia encontramos a inequívoca declaração:

“No princípio criou Deus o céu e a terra”. (Gên. 1.1).

Ainda que a teologia tenha a existência de Deus como fato fundamental, e plenamente razoável e independente da fé, não se propõe a demonstrá-la por meio de argumentos lógicos. A Bíblia não é nenhum diário de Deus, reunindo todas as indagações da mente humana sobre Ele. Há nela, sim, o suficiente à mente finita do homem limitado.

A pessoa que para provar a existência de Deus, vai além do que a Bíblia diz, do que a criação testifica, do que o Espírito Santo e a Bíblia revelam, pode levar o inquiridor a resultados inúteis ou desnecessários. Inúteis, se o investigador não crê. Ele “busca” a Deus apenas por curiosidade, especulação e até falsa pretensão. Desnecessários porque se tenta forçar uma pessoa que não tem fé, a crer em Deus apenas por meio de argumentos lógicos. Ora, esse tipo de fé é apenas de conveniência, não honra a Deus, uma vez que não vem por Ele. É fé humana que não alcança a revelação divina.

### **2.3 Fé na Revelação Bíblica**

O cristão teme a Deus aceita por fé a verdade da sua existência, segundo a revelação contida na Bíblia. Não se trata de fé cega, mas de fé que se baseia nas Escrituras (Hb. 11.6).

“Ora, sem fé é impossível agradar-lhe; porque é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe, e que é galardoador dos que o buscam” (Hebreus 11.6).

A Bíblia não só revela Deus como Criador de todas as coisas (Gn 1.1), mas também como o sustentador de todas as coisas (Mt. 6.26; Lc. 12.24; Hb. 1.3),

“Olhai para as aves do céu, que nem semeiam, nem segam, nem ajuntam em celeiros; e vosso Pai celestial as alimenta. Não tendes vós muito mais valor do que elas?” (Mateus 6.26).

“O qual, sendo o resplendor da sua glória, e a expressa imagem da sua pessoa, e sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder, havendo feito por si mesmo a purificação dos nossos pecados, assentou-se à destra da majestade nas alturas”. (Hebreus 1:3).

A Bíblia revela Deus como o dirigente dos destinos de indivíduos e nações (Sl. 22.28).

“Porque o reino é do Senhor, e ele domina entre as nações”. (Sl 22.28)

A Bíblia afirma que Deus fez todas as coisas segundo o conselho de sua vontade (Ef. 1.11), revelando assim a realização gradual de seu grande e eterno propósito de redenção.

“Nele, digo, em quem também fomos feitos herança, havendo sido predestinados, conforme o propósito daquele que faz todas as coisas, segundo o conselho da sua vontade”. (Efésios 1.11).

### **2.4 - Deus se Revela**

**A revelação de Deus segundo a Bíblia é a base da nossa fé em sua existência. Por sua vez, nossa fé é edificada quando de coração aceitamos o conteúdo da Bíblia como inspirada por DEUS, a qual enfaticamente mostra que:**

Deus se revela através da sua doutrina (Jo. 7.17):

“Se alguém quiser fazer a vontade dele, pela mesma doutrina conhecerá se ela é de Deus, ou se eu falo de mim mesmo”. (João 7.17)

Deus se dá a conhecer àqueles que O buscam (Os. 6.3);

“Então conheçamos, e prossigamos em conhecer ao Senhor; a sua saída, como a alva, é certa; e ele a nós virá como a chuva, como chuva serôdia que rega a terra”. (Oséias 6.3)

Deus se manifestou ao mundo na pessoa de seu Filho Jesus Cristo (2Co. 5.19).

“Isto é, Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, não lhes imputando os seus pecados; e pôs em nós a palavra da reconciliação”. (2 Co 5.19).

## **2.5 - Evidências racionais da existência de Deus.**

**“Todos os homens têm algum conhecimento de Deus. Isto é, temos a convicção de que existe um Ser de quem somos dependentes e perante quem somos responsáveis”. (Charles Hodge).**

Qual é a fonte de tal convicção? Qual é a origem da idéia de Deus?

Três possíveis respostas:

- Primeiro, que ela é inata.
- Segundo, que ela é uma dedução da razão, uma conclusão alcançada por um processo de generalização.
- Terceiro: que ela aponta para uma revelação suprenatural, preservada por meio de tradição.

**O Conhecimento de Deus é Inato.** O que se entende por conhecimento Inato?

Por conhecimento inato se entende que ele se deve à nossa constituição como seres sensitivos, racionais e morais. Ele se opõe ao conhecimento fundamentado na experiência; ao conhecimento obtido por instrução *ab extra*; e ao conhecimento adquirido por um processo de pesquisa e raciocínio.

No transcurso dos tempos, filósofos e pensadores têm buscado na teologia argumentos racionais sobre a existência de Deus. É interessante ressaltar que cada argumento a favor da existência de Deus pretende sustentar a existência do Teísmo.

O Teísmo é a doutrina de um Deus extraterreno, pessoal, o criador, preservador e governador do mundo. O desígnio de todos os argumentos sobre este tema é mostrar que os fatos que nos cercam, e os fatos da consciência, carecem da hipótese da existência de tal Ser.

Uma grande questão sobre esses argumentos apresentados é que cada um deles, parece provar apenas um elemento da vasta doutrina sobre Deus. O argumento cosmológico prova a existência de um ser necessário e eterno, enquanto o argumento teleológico prova que esse ser é inteligente, o argumento moral, que esse ser possui atributos morais; em sendo assim eles não tornam conhecido o único Deus vivo e verdadeiro revelado na Escritura Sagrada.

Alguns desses argumentos vêm de Platão e Aristóteles, filósofos gregos que viveram mais de trezentos anos antes de Cristo. Outros argumentos foram formulados nos tempos modernos, pelos estudiosos da filosofia e da religião. Desses argumentos, vamos mencionar aqui os mais comuns.

### 2.5.1 - O Argumento Ontológico

**“Credo ut intelligam”, ou “creio para entender”. (Anselmo da Cantuária).**

Este é um argumento metafísico a priori. O argumento ontológico tem sido apresentado sob diversas formas, por diferentes pensadores. Em sua mais refinada forma, foi apresentado por Anselmo, teólogo e filósofo agostiniano, de origem italiana. O lema de Anselmo é "a fé que procura entender" (*fides quaerens intellectum*).

*Se no "Monólogo" Anselmo apresenta o seu conceito de Deus como pura essência, infinitude, eternidade, imutabilidade, perfeição e unidade (ao modo neoplatônico), no "Proslógio" ele buscará demonstrar a necessidade desse Deus, através do famoso argumento ontológico, que provocou inúmeras controvérsias e continua dividindo pensadores.*

*Assim expõe Santo Anselmo: 1) percebemos uma hierarquia nos seres, tanto específica quanto genérica, e para cada ser deve haver um exemplar, o mais perfeito; 2) pode-se conceber um ser mais perfeito do que todos; 3) pode-se conceber um ser acima do qual nada se possa imaginar; 4) este ser existe necessariamente, pois, se não existisse, não seria o maior, e negá-lo seria negar a hierarquia dos seres.*

*O que Anselmo afirma é que nenhum ser pode surgir do nada, e subjacente a todos esses seres contingentes tem de estar um ser necessário. O argumento é fundado, quase que na sua totalidade, sobre o pensamento platônico, utilizando a demonstração a priori - algo rechaçada na Escolástica, que em geral dava preferência às provas a posteriori.*

Resumindo, seu argumento é que o homem tem imanente em si a ideia de um ser absolutamente perfeito, por conseguinte deve existir um Ser absolutamente



perfeito. Este argumento admite que existe na mente do próprio homem o conhecimento básico da existência de Deus, posto lá pelo próprio Criador.

### **2.5.2 - O Argumento Cosmológico**

Este argumento tem sido apresentado de várias formas. Ele se fundamenta no princípio de uma causa suficiente. Em geral, encerra a ideia de que tudo o que existe no mundo deve ter uma causa primária, ou razão de ser. Emanuel Kant, filósofo alemão, indicou que se tudo aquilo que existe tem uma razão de existir, isto deve ter um ponto de origem em Deus. Assim sendo, deve haver um Agente único que equilibra e harmoniza em si todas as coisas.

Argumentos da primeira causa foram estabelecidos por Platão e Aristóteles nos séculos 4 e 3 a.C. Esses argumentos sustentam que tudo o que existe ou ocorre deve ter tido uma causa. Portanto, se alguém voltasse no tempo o suficiente, poderia descobrir uma primeira causa. Aristóteles, um deísta, defendeu que esta primeira causa foi o criador do universo. Tomás de Aquino, um Cristão, então expandiu as ideias de Aristóteles no século 13 d.C e moldou o conceito da primeira causa num quadro em que a causa do universo é em si sem causa: a Primeira Causa é Deus.

### **2.5.3 - O Argumento Teleológico**

“Este argumento também admite ser expresso em forma silogística. Um desígnio pressupõe um designador. Por toda a parte o mundo exhibe marcas de desígnio. Portanto, o mundo deve sua existência a um autor inteligente”. (Charles Hodge).

Este argumento é praticamente uma extensão do anterior. Ele mostra que o mundo, ao ser considerado sob qualquer aspecto, revela inteligência, ordem e propósito, denotando assim a existência de um ser sumamente sábio.

O argumento teleológico também é bastante conhecido como argumento de design. Declara que um Desenhista deve existir no Universo e que todas as coisas vivas exibem marcas de um plano em sua ordem, consistência, unidade e modelo.

Uma analogia típica disto é o Relojoeiro que foi dado por William Paley (1743-1805) . O argumento é como se segue. Se você encontra um relógio no chão, você concluiria que ele foi desenhado e não produto do acaso. Igualmente, quando nós olhamos a vida e o Universo, é natural concluir que há um Desenhista que deu perfeição e ordem para a vida operarem. O olho é tipicamente usado como exemplo de design. É um maravilhoso desenvolvimento. Para que ele funcione, é necessário haver muitas partes individuais trabalhando juntas que, isoladas, não teriam finalidade alguma, servindo só ao todo. É só na sua totalidade que eles exibem sua função. O argumento de Paley é como se segue:

Os artefatos humanos são produto de um plano inteligente.

O Universo se parece com os artefatos humanos.

Por conseguinte o Universo é um produto de um plano inteligente.

Mas o Universo é complexo e gigantesco, comparado com os artefatos humanos.

Há provavelmente, pois, um Desenhista poderoso e imensamente inteligente que criou o Universo.

Este argumento é simples de entender e tem um mérito pois os humanos são projetistas por natureza e é natural pensar em termos de coisas que tem propósito. É também consistente com Rom.1:20: “Pois os seus atributos invisíveis, o seu eterno poder e divindade, são claramente vistos desde a criação do mundo, sendo percebidos mediante as coisas criadas, de modo que eles são inescusáveis”.

#### **2.5.4 - O Argumento Moral**

As raízes do argumento moral a favor da existência de Deus são encontradas em Romanos 2:12-15, onde o Apóstolo Paulo fala que a humanidade é indesculpável porque tem a “lei escrita no coração”.

“Porque todos os que sem lei pecaram, sem lei também perecerão; e todos os que sob a lei pecaram, pela lei serão julgados.

Porque os que ouvem a lei não são justos diante de Deus, mas os que praticam a lei hão de ser justificados.

Porque, quando os gentios, que não têm lei, fazem naturalmente as coisas que são da lei, não tendo eles lei, para si mesmos são lei;

Os quais mostram a obra da lei escrita em seus corações, testificando juntamente a sua consciência, e os seus pensamentos, quer acusando-os, quer defendendo-os”. (Romanos 2:12-15).

Nos últimos 250 anos, este argumento tem sido proposto de diversas formas, sendo que sua forma mais popular vem de C. S. Lewis (1898-1963), na primeira parte do seu conhecido livro Mere Christianity (Cristianismo Simples). O cerne do argumento segue a seguinte estrutura básica:

- (1) A Lei Moral implica um Legislador Moral.
- (2) Existe uma lei moral objetiva.
- (3) Portanto, existe também um Legislador Moral objetivo.

A primeira premissa é auto-evidente. Uma lei moral é um preceito, e preceitos são passados por preceptores. Ao contrário das leis da natureza (que são somente descritivas), as leis morais são preceptivas: Elas não descrevem o que as coisas são; elas prescrevem como elas deveriam ser. Elas não são somente uma descrição da maneira como as pessoas se comportam, mas imperativos de como deveriam se comportar.

A força do argumento moral a favor da existência de Deus está na segunda premissa—aquela que afirma a existência de uma lei moral objetiva. Ou seja, existe uma lei moral que não somente é prescrita pelos seres humanos, mas também para os seres humanos. A questão é se existe alguma evidência a favor de um preceito objetivo e universal que englobe todos os seres humanos.

O filósofo Kant partiu do raciocínio que deduz a existência de um Supremo Legislador e Juiz, com absoluto direito de governar e corrigir o homem. Esse filósofo era da opinião de que este argumento era superior a todos os demais. No seu intuito de provar a existência de Deus, ele recorria a este argumento. A teologia moderna utiliza este argumento afirmando que o reconhecimento por parte do homem de um bem supremo, e do seu anseio por uma moral superior, indicam a existência de um Deus que pode converter esse ideal em realidade.

### **2.5.5 - O Argumento Histórico**

Cícero, senador romano, parte da constatação da universalidade do fenômeno religioso. Não se tem notícia de sociedade humana que não tivesse culto à divindade, este grande consenso histórico e quase universal tem grande probabilidade de ser retrato da realidade existente.

A exposição principal deste argumento é a seguinte: entre todos os povos e tribos da terra é comum a evidência de que o homem é um ser religioso em potencial. Sendo universal este fenômeno, isso deve ser parte constituinte da natureza do homem. E se a natureza do homem tende à prática religiosa, isto só encontra explicação num Ser superior, que originou uma tal natureza que sempre indica ao homem um ser superior. É aqui que milhões, por ignorarem o único e verdadeiro Deus, praticam as religiões mais estranhas e deturpadas. É o anseio da alma na busca do Criador que ela ignora, por ter dEle se afastado, conforme Romanos 1.20-23.

**“Santo e gracioso Deus e Pai, dá-nos sabedoria que te procure conhecer. Dá-nos juízo para compreender-te, zelo para procurar-te, paciência para esperar por ti. Dá um coração que medite em ti; dá uma vida que anuncie o teu nome – no poder do Espírito Santo de nosso Senhor Jesus Cristo”. (Benedito de Núrsia, 480-547).**

### **III- ESSÊNCIA OU NATUREZA DE DEUS:**

**“Aquele que tem, ele só, a imortalidade, e habita na luz inacessível; a quem nenhum dos homens viu nem pode ver, ao qual seja honra e poder sempiterno. Amém”. (1 Timóteo 6.16).**

Como pode aquilo que é finito compreender e expressar aquilo que é infinito? O próprio povo escolhido procurou representar e descrever Deus a seus semelhantes, quando na sua fraqueza fizeram ídolos de metal, coisa que ainda hoje é feito pelo homem (Êx. 32.4; Rm. 1.24-25).

**“É preciso entender a natureza de Deus para depois chegar às conclusões corretas sobre a questão da salvação” (Franklin Ferreira).**

Deus pode ser revelado e crido, de acordo com a medida da nossa fé, porém não pode ser analisado num tubo de ensaio de um laboratório, para ser dissecado por quem quer que seja. Diz o Catecismo de Westminster “Deus é espírito, infinito, eterno, e imutável em seu ser, sabedoria, poder, santidade, justiça, bondade e verdade”.

A despeito da infinitude de Deus, há determinadas coisas que podemos saber a respeito dele, pois Ele se revela com o auxílio das Escrituras e da operação do Espírito Santo. Deus pode ser aquilatado (ainda que parcialmente) através dos seus atributos naturais e morais.

**“Como não conseguimos conhecer a natureza de Deus em si mesma, podemos, de certa forma, obter certo conhecimento com base na analogia da natureza que existe das coisas criadas e; principalmente, a que existe em nós mesmos, que somos criados à imagem Dele...” (Jacó Armínio).**

A) Substância de Deus:

- 1) Há duas substâncias: matéria e espírito.
- 2) Deus é uma substância simples: Deus é espírito.

#### **IV. OS ATRIBUTOS DE DEUS:**

Sua substância é Espírito e Seus atributos são as qualidades ou propriedades dessa substância. Atributo é a manifestação do Ser de Deus.

“Quando falamos dos atributos de Deus, estamos nos referindo àquelas qualidades de Deus que constituem o que Ele é”. (Millard J. Erickson).

Houve um tempo em que o tema dos atributos de Deus foi considerado tão importante que era ensinado nas igrejas tanto para crianças como para adultos, através dos catecismos. Atualmente pouco se tem lido ou sido ensinado sobre a doutrina do caráter divino. J.I. Packer diz:

“Conhecer a Deus é crucialmente importante para a nossa vida. (...) Para quem não conhece a Deus o mundo é um lugar estranho, louco, penoso, e viver nesse algo decepcionante e desagradável. Despreze o estudo de Deus e você estará sentenciando a si mesmo a passar a vida aos tropeções, como um cego, como se não tivesse nenhum senso de direção e não entendesse aquilo que o rodeia. Deste modo poderá desperdiçar a sua vida e perder a alma”. (James Innell Packer)

#### **4.1 - CLASSIFICAÇÃO DOS ATRIBUTOS:**

**“Os atributos de Deus podem ser definidos como as perfeições que constituem predicados do Ser Divino na Escritura, ou que são visivelmente exercidas por ele em Suas Obras de criação, providência e redenção. Se continuamos a empregar o nome “atributos”, é porque é comumente utilizado, e o fazemos com claro entendimento de que se deve excluir rigidamente a noção de algo acrescentado ao Ser de Deus”. (Louis Berkhof).**

Seria presunção de nossa parte achar que em poucos estudos poderíamos dizer tudo que a Bíblia nos fala acerca do caráter divino. Pois quando falamos de atributos divinos, estamos discorrendo acerca do caráter do próprio Deus. Assim, buscaremos classificar aqui quais os atributos ou qualidades de Deus que ele partilha conosco (Atributos Comunicáveis) e quais ele não partilha conosco (Atributos Incomunicáveis). Essa distinção, no entanto, não é perfeita, pois, não há atributo divino completamente comunicável nem totalmente incomunicável.

Os atributos INCOMUNICÁVEIS – São aquelas qualidades singulares de Deus, para as quais não se encontra nenhuma correlação nos seres humanos. Exemplo simples, a Onisciência de Deus. Nenhum homem jamais terá todo o saber. “Quem nos céus é comparável ao Senhor? Entre os seres celestiais, quem é Semelhante ao Senhor?...quem é poderoso como tu és, Senhor, com a tua fidelidade ao redor de ti?” (Salmo 89:6,8). Deus é independente e auto existente. Deus é determinado por nado e tudo é por Ele determinado.

Os atributos COMUNICÁVEIS – Os atributos comunicáveis são aquelas qualidades de Deus para as quais se pode encontrar ao menos uma correlação parcial em suas criaturas humanas. Deus é onisciente (Atributo INCOMUNICÁVEL). Ele tem capacidade de inteligência e raciocínio. Não Existe mistério para Deus. Raciocínio e inteligência são encontrados nos seres humanos, sendo assim são comunicáveis. Os atributos de Deus que tem o seu reflexo no ser humano, são entendidos e aceitos como comunicáveis.

### **A) Atributos Naturais e Morais:**

Também chamados de "intransitivos e transitivos", "incomunicáveis e comunicáveis", "absolutos e relativos", "negativos e positivos" ou "imanentes e emanentes".

### **B) Atributos Naturais:**

**1) Vida:** Deus tem vida; Ele ouve, vê, sente e age, portanto é um Ser vivo (Jo.10:10; Sl.94:9,10; II Cr.16:9; At.14:15; ITs.1:9). Quando a Bíblia fala do olho, do ouvido, da mão de Deus, etc., fala metaforicamente. A isto se dá o nome de antropomorfismo. Deus é vida (Jo.5:26; 14:26) e o princípio de vida (At.17:25,28).

**2) Espiritualidade:** Deus, sendo Espírito, é incorpóreo, invisível, sem substância material, sem partes ou paixões físicas e, portanto, é livre de todas as limitações

temporais (Jo.4:24; Dt.4:15-19,23; Hb.12:9; Is.40:25; Lc.24:39; Cl.1:15; ITm.1:17; IICo.3:17)

**3) Personalidade:** Existência dotada de auto-consciência e auto-determinação (Ex.3:14; Is.46:11).

a) Volição ou vontade = querer (Is.46:10; Ap.4:11).

b) Razão ou intelecto = pensar (Is.14:24; Sl.92:5; Is.55:8).

c) Emoção ou sensibilidade = sentir (Gn.6:6, IRs.11:9, Dt.6:15; Pv.6:16; Tg.4:5)

**4) Auto-Existência:** Jerônimo disse: Deus é a origem de Si mesmo e a causa de Sua própria substância. Jerônimo estava errado, pois Deus não tem causa de existência, pois não criou a Si mesmo e não foi causado por outra coisa ou por Si mesmo; Ele nunca teve início. Ele é o Eterno EU SOU (Ex.3:14), portanto Deus é absolutamente independente de tudo fora de Si mesmo para a continuidade e perpetuidade de Seu Ser. Deus é a razão de sua própria existência (Jo.5:26; At.17:24-28; ITm.6:15,16).

**5.) Infinitude ou Perfeição:** É o atributo pelo qual Deus é isento de toda e qualquer limitação em seu Ser e em seus atributos (Jó.11:7-10; Mt.5:48). A infinitude de Deus se contrasta com o mundo finito em sua relação tempo-espaço.

**a) Eternidade:** A infinitude de Deus em relação ao tempo é denominada eternidade. Deus é Eterno (Sl.90:2; 102:12,24-27; Sl.93:2; Ap.1:8; Dt.33:27; Hb.1:12). A eternidade de Deus não significa apenas duração prolongada, para frente e para trás, mas sim que Deus transcende a todas as limitações temporais (IIPe.3:8) existentes em sucessões de tempo. Deus preenche o tempo. Nossa vida se divide em passado, presente e futuro. mas não há essa divisão na vida de Deus. Ele é o Eterno EU SOU. Deus é elevado acima de todos os limites temporais e de toda a sucessão de momentos, e tem a totalidade de sua existência num único presente indivisível (Is.57:15).

**b) Imensidão:** A infinitude de Deus em relação ao espaço é denominada imensidão ou imensidade. Deus é imenso (Grande ou Majestoso; Jó.36:5,26; Jó.37:22,23; Jr.22:18; Sl.145:3). Imensidão é a perfeição de Deus pela qual Ele transcende (ultrapassa) todas as limitações espaciais e, contudo está presente em todos os pontos do espaço com todo o seu Ser PESSOAL (não é panteísmo). A imensidão de Deus é intensiva e não extensiva, isto é, não significa extensão ilimitada no espaço, como no panteísmo. A imensidão de Deus é transcendente no espaço (intramundano ou imanente = dentro do mundo - Sl.139:7-12; Jr.23:23,24) e fora do espaço (supramundano = acima do mundo; extramundano = além do mundo; emanente = fora do mundo - IRs.8:27; Is.57:15).

**c) Onipresença:** É quase sinônimo de imensidão: A imensidade denota a transcendência no espaço enquanto que a onipresença denota a imanência no espaço. Deus é imanente em todas as Suas criaturas e em toda a criação. A imanência não deve ser confundida com o panteísmo (tudo é Deus) ou com o deísmo que ensina que Deus está presente no mundo apenas com seu poder (per portentiam) e não com a essência e natureza de ser Ser (per essentiam et naturam) e que age sobre o mundo à distância. Deus ocupa o espaço repletivamente porque preenche todo o espaço e não está ausente em nenhuma parte dele, mas tampouco está mais presente numa parte que noutra (Sl.139:11,12). Deus ocupa o espaço variavelmente porque Ele não habita na terra do mesmo modo que habita no céu, nem nos animais como habita nos homens, nem nos ímpios como habita nos piedosos, nem na igreja como habita em Cristo (Is.66:1; At.17:27,28; Compare Ef.1:23 com Cl.2:9).

**6) Imutabilidade:** É o atributo pelo qual não encontramos nenhuma mudança em Deus, em sua natureza, em seus atributos e em seu conselho.

**a) A "base" para a imutabilidade de Deus:** É Sua simplicidade, eternidade, auto-existência e perfeição.

Simplicidade porque sendo Deus uma substância simples, indivisível, sem mistura, não está sujeito a variação (Tg.1:17).

Eternidade porque Deus não está sujeito às variações e circunstâncias do tempo, por isso Ele não muda (Sl.102:26,27; Hb.1:12 e 13:8).

Auto-existência porque uma vez que Deus não é causado, mas existe em Si mesmo, então Ele tem que existir da forma como existe, portanto sempre o mesmo (Ex.3:14).

E perfeição porque toda mudança tem que ser para melhor ou pior e sendo Deus absolutamente perfeito jamais poderá ser mais sábio, mais santo, mais justo, mais misericordioso, e nem menos. Por isso Deus é imutável como a rocha (Dt.32:4).

**b) Imutabilidade não significa imobilidade:** Nosso Deus é um Deus de ação (Is.43:13).

**c) Imutabilidade implica em não arrependimento:** Alguns versículos falam de Deus como se Ele se arrependesse (Ex.32:14, IISm.24:16, Jr.18:8; Jl.2:13). Trata-se de antropomorfismo (Nm.23:19; Rm.11:29; ISm.15:29; Sl.110:4).

**d) Imutabilidade de Deus em Sua natureza:** Deus é perfeito em sua natureza por isso não muda nem para melhor nem para pior (Mt.3:6).

**e) Imutabilidade de Deus em Seus atributos:** Deus é imutável em suas promessas (IRs.8:56; IICo.1:20); em sua misericórdia (Sl.103:17; Is.54:10); em sua justiça (Ez.8:18); em seu amor (Gn.18:25,26).

f) Imutabilidade de Deus em Seu conselho: Deus planejou os fatos conforme a sua vontade e decretou que este plano seja concretizado. Nada poderá se opor à sua vontade. O próprio Deus jamais mudará de opinião, mas fará conforme seu plano predeterminado (Is.46:9,10; Sl.33:11; Hb.6:17).

**7) Onisciência:** Atributo pelo qual Deus, de maneira inteiramente única, conhece-se a Si próprio e a todas as coisas possíveis e reais num só ato eterno e simples. O conhecimento de Deus tem suas características:

a) É arquetipo: Deus conhece o universo como ele existe em Sua própria idéia anterior à sua existência como realidade finita no tempo e no espaço; e este conhecimento não é obtido de fora, como o nosso (Rm.11:33,34).

b) É inato e imediato: Não resulta de observação ou de processo de raciocínio (Jó.37:16)

c) É simultâneo: Não é sucessivo, pois Deus conhece as coisas de uma vez em sua totalidade, e não de forma fragmentada uma após outra (Is.40:28).

d) É completo: Deus não conhece apenas parcialmente, mas plenamente consciente (Sl.147:5).

e) Conhecimento necessário: Conhecimento que Deus tem de Si mesmo e de todas as coisas possíveis, um conhecimento que repousa na consciência de sua onipotência. É chamado necessário porque não é determinado por uma ação da vontade divina. (Por exemplo: O conhecimento do mal é um conhecimento necessário porque não é da vontade de Deus que o mal lhe seja conhecido (Hc.1:13) Deus não pode nem quer ver o mal, mas o conhece, não por experiência, que envolve uma ação de Sua vontade, mas sim por simples inteligência, por ser ato do intelecto divino (veja IICo.5:21 onde o termo grego ginosko é usado).

f) Conhecimento livre: É aquele que Deus tem de todas as coisas reais, isto é, das coisas que existiram no passado, que existem no presente e existirão no futuro. É também chamado visionis, isto é, conhecimento de vista.

g) Presciência: Significa conhecimento prévio; conhecimento de antemão. Como Deus pode conhecer previamente as ações livres dos homens? Deus decretou todas as coisas, e as decretou com suas causas e condições na exata ordem em que ocorrem, portanto sua presciência de coisas contingentes (ISm.23:12; IIRs.13:19; Jr.38:17-20; Ez.3:6 e Mt.11:21) apoia-se em seu decreto. Deus não originou o mal mas o conheceu nas ações livres do homem (conhecimento necessário), o decretou e preconheceu os homens. Portanto a ordem é: conhecimento necessário, decreto, presciência. A presciência de Deus é muito mais do que saber o que vai acontecer no futuro, e seu uso no N.T. é empregado como na LXX que inclui Sua escolha efetiva (Nm.16:5; Jz.9:6; Am.3:2). Veja Rm.8:29; IPe.1:2; Gl.4:9. Como se processou o conhecimento necessário de Deus nas livres ações dos homens antes mesmo que Ele as decretasse? A liberdade humana não é uma coisa inteiramente indeterminada, solta no ar, que pende numa ou noutra direção, mas é determinada por nossas próprias



considerações intelectuais e caráter (*libentia rationalis* = auto-determinação racional). Liberdade não é arbitrariedade e em toda ação racional há um porquê, uma razão que decide a ação. Portanto o homem verdadeiramente livre não é o homem incerto e imprevisível, mas o homem seguro. A liberdade tem suas leis - leis espirituais - e a Mente Onisciente sabe quais são (Jo.2:24,25). Em resumo, a presciência é um conhecimento livre (*scientia libera*) e, logicamente procede do decreto, "...segundo o decreto sua vontade" (Ef.1:11).

h) Sabedoria: A sabedoria de Deus é a Sua inteligência como manifestada na adaptação de meios e fins. Deus sempre busca os melhores fins e os melhores meios possíveis para a consecução dos seus propósitos. H.B. Smith define a sabedoria de Deus como o Seu atributo através do qual Ele produz os melhores resultados possíveis com os melhores meios possíveis. Uma definição ainda melhor há de incluir a glorificação de Deus: Sabedoria é a perfeição de Deus pela qual Ele aplica o seu conhecimento à consecução dos seus fins de um modo que o glorifica o máximo (Rm.II:33-36; Ef.1:11,12; Cl.1:16). Encontramos a sabedoria de Deus na criação (Sl.19:1-7; Sl.104), na redenção (ICo.2:7; Ef.3:10) . A sabedoria é personificada na Pessoa do Senhor Jesus (Pv.8 e ICo.1:30; Jó.9:4; veja também Jó 12:13,16).

**8) Onipotência:** É o atributo pelo qual encontramos em Deus o poder ilimitado para fazer qualquer coisa que Ele queira.

A onipotência de Deus não significa o exercício para fazer aquilo que é incoerente com a natureza das coisas, como, por exemplo, fazer que um fato do passado não tenha acontecido, ou traçar entre dois pontos uma linha mais curta do que uma reta. Deus possui todo o poder que é coerente com Sua perfeição infinita, todo o poder para fazer tudo aquilo que é digno dEle. O poder de Deus é distinguido de duas maneiras: *Potentia Dei absoluta* = absoluto poder de Deus e *potentia Dei ordinata* = poder ordenado de Deus. Hodge e Shedd definem o poder absoluto de Deus como a eficiência divina, exercida sem a intervenção de causas secundárias, e o poder ordenado como a eficiência de Deus, exercida pela ordenada operação de causas secundárias. Chanock define o poder absoluto como aquele pelo qual Deus é capaz de fazer o que Ele não fará, mas que tem possibilidade de ser feito, e o poder ordenado como o poder pelo qual Deus faz o que decretou fazer, isto é, o que Ele ordenou ou marcou para ser posto em exercício; os quais não são poderes distintos, mas um e o mesmo poder. O seu poder ordenado é parte do seu poder absoluto, pois se Ele não tivesse poder para fazer tudo que pudesse desejar, não teria poder para fazer tudo o que Ele deseja. Podemos, portanto, definir o poder ordenado de Deus como a perfeição pela qual Ele, mediante o simples exercício de Sua vontade, pode realizar tudo quanto está presente em Sua vontade ou conselho. E' óbvio, porém, que Deus pode realizar coisas que a Sua vontade não desejou realizar (Gn.18:14; Jr.32:27; Zc.8:6; Mt.3:9; Mt.26:53). Entretanto há muitas coisas que Deus não pode realizar. Ele não pode mentir, pecar, mudar ou negar-se a Si mesmo (Nm.23:19; ISm.15:29; IITm.2:13; Hb.6:18; Tg.1:13,17; Hb.1:13; Tt.1:3), isto porque o poder absoluto Deus está sustentado sobre a Sua perfeição (Jó.11:7). Deus faz somente aquilo que quer fazer (Sl.115:3; Sl.135:6).

a) El-Shaddai: A onipotência de Deus se expressa no nome hebraico El-Shaddai traduzido por Todo-Poderoso (Gn.17:1; Ex.6:3; Jó.37:23 etc).

b) Em todas as coisas: A onipotência de Deus abrange todas as coisas (ICr.29:12), o domínio sobre a natureza (Sl.107:25-29; Na.1:5,6; Sl.33:6-9; Is.40:26; Mt.8:27; Jr.32:17; Rm.1:20), o domínio sobre a experiência humana (Sl.91:1; Dn.4:19-37; Ex.7:1-5; Tg.4:12-15; Pv.21:1; Jó.9:12; Mt.19:26; Lc.1:37), o domínio sobre as regiões celestiais (Dn.4:35; Hb.1:13,14; Jó.1:12; Jó 2:6).

c) Na criação, na providência e na redenção: Deus manifestou o seu poder na criação (Rm.4:17; Is.44:24), nas obras da providência (ICr.29:11,12) e na redenção (Rm.1:16; ICo.1:24).

**9) Soberania ou Supremacia:** Atributo pelo qual Deus possui completa autoridade sobre todas as coisas criadas, determinando-lhe o fim que desejar (Gn.14:19; Ne.9:6; Ex.18:11; Dt.10:14,17; ICr.29:11; IICr.20:6; Jr.27:5; At.17:24-26; Jd.4; Sl.22:28; 47:2,3,8; 50:10-12; 95:3-5; 135:5; 145:11-13; Ap.19:6).

**a) Vontade ou Auto-determinação:** A perfeição de Deus pela qual Ele, num ato sumamente simples, dirige-se à Si mesmo como o Sumo Bem (deleita-se em Si mesmo como tal) e às Suas criaturas por amor do Seu nome (Is.48:9,11,14; Ez.20:9,14,22,44; Ez.36:21-23).

A vontade de Deus recebe variadas classificações, pois à ela são aplicadas diferentes palavras hebraicas (chaphets, tsebhu, ratson) e gregas (boule, thelema).

Vontade Preceptiva: Na qual Deus estabeleceu preceitos morais para reger a vida de Suas criaturas racionais. Esta vontade pode ser desobedecida com frequência (At.13:22; IJo.2:17; Dt.8:20).

Vontade Decretória: Pela qual Deus projeta ou decreta tudo o que virá a acontecer, quer pretenda realizá-lo causativamente, quer permita que venha a ocorrer por meio da livre ação de suas criaturas (At.2:23; Is.46:9-11). A vontade decretória é sempre obedecida.

A vontade decretória e a vontade preceptiva relacionam-se ao propósito em realizar algo.

Vontade de Eudokia: Na qual Deus deleita-se com prazer em realizar um fato e com desejo de ver alguma coisa feita. Esta vontade, embora não se relacione com o propósito de fazer algo, mas sim com o prazer de fazer algo, contudo corresponde àquilo que será realizado com certeza, tal como acontece com a vontade decretória (Sl.115:3; Is.44:28; Is.55:11).

Vontade de Eurestia: Na qual Deus deleita-se com prazer ao vê-la cumprida por Suas criaturas. Esta vontade abrange aquilo que a Deus apraz que Suas criaturas façam, mas que pode ser desobedecido, tal como acontece com a vontade preceptiva (Is.65:12).

A vontade de eudokia não se refere somente ao bem, e nela não está sempre presente o elemento de deleite (Mt.11:26). A vontade de eudokia e a vontade de eurestia relacionam-se ao prazer em realizar algo.

Vontade de Beneplacitum: Também chamada Vontade Secreta. Abrange todo o conselho secreto e oculto de Deus. Quando esta vontade nos é revelada, ela torna-se na Vontade do Signum ou Vontade Revelada.

A distinção entre a vontade de beneplacitum e a vontade de signum encontra-se em Deuteronomio.29:29.

A vontade secreta é mencionada em Sl.115:3; Dn.4:17,25,32,35; Rm.9:18,19; Rm.11:33,34; Ef.1:5,9,11, enquanto que a vontade revelada é mencionada em Mt.7:21; Mt.12:50; Jo.4:34; Jo.7:17; Rm.12:2). Esta vontade está mui perto de nós (Dt.30:14; Rm.10:8).

A vontade secreta de Deus pertence a todas as coisas que Ele quer efetuar ou permitir, tal como acontece na vontade decretória, sendo portanto, absolutamente fixa e irrevogável.

**b) Liberdade:** A perfeição de Deus no exercício de Sua vontade. Deus age necessária e livremente. Assim como há conhecimento necessário e conhecimento livre, há também uma voluntas necessária = vontade necessária e uma voluntas libera = vontade livre. Na vontade necessária Deus não está sob nenhuma compulsão, mas age de acordo com a lei do Seu Ser, pois Ele necessariamente quer a Si próprio e quer a Sua natureza santa. Deus necessariamente se ama a Si próprio e Suas perfeições.

As Suas criaturas são objetos de Sua vontade livre, pois Deus determina voluntariamente o que e quem Ele criará; e os tempos, lugares e circunstâncias de suas vidas. Ele traça as veredas de todas as Suas criaturas, determina o seu destino e as utiliza para Seus propósitos (Jó.II:10; Jó.23:13,14; Jó.33:13. Pv.16:4; Pv.21:1; Is.10:15; Is.29:16; Is.45:9; Mt.20:15; Ap.4:11; Rm.9:15-22; ICo.12:11).

“O Deus da Bíblia não é fraco; é todo-poderoso. Nada acontece sem a permissão dele ou fora de seus propósitos, nem o mal. Nada o perturba ou confunde. Seus propósitos são sempre realizados. Assim, aqueles que o conhecem de fato, agem com ousadia, seguros de que o Todo-poderoso está com eles para realizar Seus agradáveis propósitos na vida deles”. (James Boice).

### **C) Atributos Morais:**

**1) Santidade:** É a perfeição de Deus, em virtude da qual Ele eternamente quer manter e mantém a Sua excelência moral, aborrece o pecado, e exige pureza moral em suas criaturas. Ser Santo vem do hebraico qadash que significa cortar

ou separar. Neste sentido também o Novo Testamento utiliza as palavras gregas *hagiazó* e *hagios*.

A santidade de Deus possui dois diferentes aspectos, podendo ser positiva ou negativa (Hb.1:9; Am.5:15; Rm.12:9).

a) Santidade Positiva: Expressa excelência moral de Deus na qual Ele é absolutamente perfeito, puro e íntegro em Sua natureza e Seu caráter (IJo.1:5; Is.57:15; IPe.1:15,16; Hc.1:13). A santidade positiva é amor ao bem.

b) Santidade Negativa: Significa que Deus é inteiramente separado de tudo quanto é mal e de tudo quanto o aborrece (Lv.11:43-45; Dt.23:14; Jó.34:10; Pv.15:9,26; Is.59:1,2; Lc.20:26; Hc. 1:13; Pv.6:16-19; Dt.25:16; Sl.5:4-6). A santidade negativa é ódio ao mal.

Além de possuir dois aspectos a santidade de Deus possui também duas maneiras diferentes de se manifestar:

c) Retidão: Também chamada justiça absoluta, é a retidão da natureza divina, em virtude da qual Ele é infinitamente Reto em Si mesmo (santidade legislativa). Sl.145:17; Jr.12:1; Jo.17:25; Sl.116:5; Ed.9:15.

d) Justiça: Também chamada justiça relativa, é a execução da retidão ou a expressão da justiça absoluta (santidade judicial). Strong a chama de santidade transitiva. A retidão é a fonte da Santidade de Deus, a justiça é a demonstração de Sua santidade.

A justiça de Deus pode ser retributiva e remunerativa. A justiça retributiva se divide em punitiva e corretiva. A justiça punitiva é aquela pela qual Deus pune os pecadores pela transgressão de Suas leis. Esta justiça de Deus exige a execução das penalidades impostas por Suas leis (Sl.3:5;11:4-7 Dt.32:4; Dn.9:12,14; Ex.9:23-27;34:7). A justiça corretiva é aquela pela qual Deus "pune" Seus filhos para corrigi-los (Hb.12:6,7). Aqueles que não são Seus filhos, Deus pune como um Juiz Severo (Rm.11:22; Hb.10:31), mas aos Seus filhos, Deus "pune" (corrige) como um Pai Amoroso (Jr.10:24;30:11;46:28; Sl.89:30-33; ICr.21:13) A justiça remunerativa é aquela pela qual Deus recompensa, com Suas bênçãos, aos homens pela obediência de Suas leis (Hb.6:10; IITm.4:8; ICo.4:5;3:11-15; Rm.2:6-10; IIJo.8)

e) Ira: Esta deve ser considerada como um aspecto negativo da santidade de Deus, pois em Sua ira Deus aborrece o pecado e odeia tudo quanto contraria Sua santidade (Dt.32:39-41; Rm.11:22; Sl.95:11; Dt.1:34-37; Sl.95:11). Podemos, então, dizer que a ira é a manifestação da santidade negativa de Deus (Rm.1:18; IITs.1:5-10; Rm.5:9 etc). A ira é também designada de severidade (Rm.11:22).

**2) Bondade:** É uma concepção genérica incluindo diversas variedades que se distinguem de acordo com os seus objetos. Bondade é perfeição absoluta e felicidade perfeita em Si mesmo (Mc.10:18; Lc.18:18,19; Sl.33:5; Sl.119:68; Sl.107:8; Na.1:7). A bondade implica na disposição de transmitir felicidade.

a) Benevolência: É a bondade de Deus para com Suas criaturas em geral. É a perfeição de Deus que O leva a tratar benévola e generosamente todas as Suas criaturas (Sl.145:9,15,16; Sl.36:6;104:21; Mt.5:45;6:26; Lc.6:35; At.14:17). Thiessen define benevolência como a afeição que Deus sente e manifesta para com Suas criaturas sensíveis e racionais. Ela resulta do fato de que a criatura é obra Sua; Ele não pode odiar qualquer coisa que tenha feito (Jó.14:15) mas apenas àquilo que foi acrescentado à Sua obra, que é o pecado (Ec.7:29).

b) Beneficência: Enquanto que a benevolência é a bondade de Deus considerada em sua intenção ou disposição, a beneficência é a bondade em ação, quando seus atributos são conferidos.

c) Complacência: É a aprovação às boas ações ou disposições. É aquilo em Deus que aprova todas as Suas próprias perfeições como também aquilo que se conforma com Ele (Sl.35:27; Sl.51:6; Is.42:1; Mt.3:17; Hb.13:16).

d) Longanimidade ou Paciência: O hebraico emprega a palavra erek'aph que significa grande de rosto e daí também lento para a ira. O grego emprega makrothymia que significa ira longe. Portanto longanimidade é o aspecto da bondade de Deus em virtude do qual Ele tolera os pecadores, a despeito de sua prolongada desobediência. A longanimidade revela-se no adiamento do merecido julgamento (Ex.34:6; Sl.86:15; Rm.2:4; Rm.9:22; IPe.3:20; IIPe.3:15)

e) Misericórdia: Também expressa pelos sinônimos compaixão, compassividade, piedade, benignidade, clemência e generosidade. No hebraico usa-se as palavras chesed e racham e no grego eleos. É a bondade de Deus demonstrada para com os que se acham na miséria ou na desgraça, independentemente dos seus méritos (Dt.5:10; Sl.57:10; Sl.86:5; ICr.16:34; IICr.7:6; Sl.116:5; Sl.136; Ed.3:11; Sl.145:9; Ez.18:23,32; Ex.33:11; Lc.6:35; Sl.143:12; Jó 6:14).

A paciência difere da misericórdia apenas na consideração formal do objeto, pois a misericórdia considera a criatura como infeliz, a paciência considera a criatura como criminosa; a misericórdia tem pena do ser humano em sua infelicidade, a paciência tolera o pecado que gerou a infelicidade. A infelicidade e sofrimento deriva-se de um justo desagrado divino, portanto exercer misericórdia é o ato divino de livrar o pecador do sofrimento pelo qual ele justamente e merecidamente deveria passar, como consequência do desagrado divino.

f) Graça: É a bondade de Deus exercida em prol da pessoa indigna. Portanto graça é o ato divino de conceder ao pecador toda a bondade de Deus a qual ele não merece receber (Ex.33:19).

Na misericórdia Deus suspende o sofrimento merecido, na graça Deus concede bênçãos não merecidas. Todo pecador merece ir para o inferno; assim Deus exerce Sua misericórdia livrando o pecador da condenação. Nenhum pecador merece ir para o paraíso; assim Deus exerce a Sua graça doando ao pecador o privilégio de ir gratuitamente para o paraíso.

Essa diferença entre misericórdia e graça é notada em relação aos anjos que não caíram. Deus nunca exerceu misericórdia para com eles, posto que jamais tiveram necessidade dela, pois não pecaram, nem ficaram debaixo dos efeitos da maldição. Todavia eles são objetos da livre e soberana graça de Deus pela qual foram eleitos (ITm.5:21) e preservados eternamente de pecado e colocados em posição de honra (Dn.7:10; IPe.3:22).

g) Amor: A perfeição da natureza divina pela qual Ele é continuamente impelido a se comunicar. É, entretanto, não apenas um impulso emocional, mas uma afeição racional e voluntária, sendo fundamentada na verdade e santidade e no exercício da livre escolha. Este amor encontra seus objetos primários nas diversas Pessoas da Trindade. Assim, o universo e o homem são desnecessários para o exercício do amor de Deus. Amor é, portanto, a perfeição de Deus pela qual Ele é movido eternamente à Sua própria comunicação. Ele ama a Si mesmo, Suas virtudes, Sua obra e Seus dons.

**3) Verdade:** É a consonância daquilo que é asseverado com o que pensa a Pessoa que fez a asseveração. Neste sentido a verdade é um atributo exclusivamente divino, pois com frequência os homens erram nos testemunhos que prestam, simplesmente por estarem equivocados a respeito dos fatos, ou então por pura incapacidade fracassam em promessas que fizeram com honestas intenções. Mas a onisciência de Deus impede que Ele chegue a cometer qualquer equívoco, e a Sua onipotência e imutabilidade asseguram o cumprimento de Suas intenções (Dt.32:4; Sl.119:142; Jo.8:26; Rm.3:4; Tt.1:2; Nm.23:19; Hb.6:18; Ap.3:7; Jo.17:3; IJo.5:20; Jr.10:10; Jo.3:33; ITs.1:9; Ap.6:10; Sl.31:5; Jr.5:3; Is.25:1). Ao exercê-la para com a criatura, a verdade de Deus é conhecida como sua veracidade e fidelidade.

a) Veracidade: Consiste nas declarações que Deus faz a respeito das coisas, conforme elas são, e se relaciona com o que Ele revelou sobre Si mesmo. A veracidade fundamenta-se na onisciência de Deus.

b) Fidelidade: Consiste no exato cumprimento de Suas promessas ou ameaças. A fidelidade fundamenta-se na Sua onipotência e imutabilidade (Dt.7:9; Sl.36:5; ICo.1:9; Hb.10:23; Dt.4:24; IITm.2:13; Sl.89:8; Lm.3:23; Sl.119:138; Sl.119:75; Sl.89:32,33; ITs.5:24; IPe.4:19; Hb.10:23).

## **V) O ENSINO DA TRINDADE DE DEUS.**

Irineu de Lion disse: “Deus sempre tem com ele seu Verbo e a sua Sabedoria”. Essa afirmação é uma confissão de que, em sentido profundo, Deus não pode ser entendido sem referência à sua natureza trina.

A doutrina da Trindade é um dos grandes mistérios da fé cristã. Em suas “Confissões”, indaga Santo Agostinho: “Quem compreende a Trindade Onipotente? E quem fala dela ainda que não a compreenda? É rara a pessoa que ao falar da Santíssima Trindade saiba o que diz. Contendem e discutem. E, contudo, ninguém contempla esta visão sem ter paz interior”.

As Escrituras ensinam que Deus é um, e que além dele não existe outro Deus. Contudo, a unidade divina é uma unidade composta de três pessoas distintas e divinas, que são: Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo. Não se trata de três deuses, mas de três pessoas num só Deus. Os três cooperam unidos e num mesmo propósito, de maneira que no pleno sentido da palavra, são um. O Pai cria, o Filho redime, e o Espírito Santo santifica; e, no entanto, em cada uma dessas operações os três estão presentes.

## 5.1 Falsos Conceitos Quanto à Trindade

O falso e o verdadeiro sempre andam em posição paralela, não obstante serem opostos entre si. Durante séculos toda grande verdade doutrinária teve uma mentira para se lhe opor, como se fosse a verdade. Assim tem sido com a doutrina da Trindade, que não obstante claramente vista nas Escrituras, muito cedo teve ferozes inimigos a combatê-la.

As primeiras heresias acerca da doutrina de Deus, e que hoje são muito populares, foram o MODALISMO e o SABELIANISMO.

O **sabelianismo** é a noção de que só existe uma só pessoa divina, Deus o Pai, que se manifesta nas três formas, Pai, Filho e Espírito Santo – no entendimento de Sabélio de Pentápolis, Deus é uma pessoa que se transformou no transcorrer da história.

O **Modalismo**, defendido e ensinado por Paulo de Samosata, ensinava que Deus apresentou-se de três modos, mas não existe eternamente como três pessoas, pois Deus é somente uma pessoa.

O **subordinacionismo**, ensina (Orígenes) que na essência de Deus há três pessoas divinas que coexistem num relacionamento hierárquico. A essência do filho é subordinada e dependente do Pai. O Espírito Santo é subordinado aos dois. A relação hierárquica implica que o filho e o Espírito Santo são inferiores ao Pai.

Outra tentativa, contra a integridade da doutrina da Trindade, foi feita nos idos do ano 320 d.C. por Ário, um presbítero da Igreja de Alexandria, na África. Ário combateu a Trindade inicialmente negando a eternidade e a divindade de Cristo, sustentando ser Ele um ser criado, como criadas foram as demais coisas existentes. Este ponto de vista de Ário o pôs em choque com Alexandre, seu bispo e bispo de Alexandria, que cria na Trindade constituída do Pai, do Filho e do Espírito Santo, como três pessoas igualmente incriadas, eternas.

A questão entre Ário e Alexandre adquiriu proporções tão grandes, que foi necessário a convocação de um concílio, o Concílio de Nicéia, onde foi aprovado um credo que contrariava a opinião de Ário, que a seguir foi banido por ordem do imperador Constantino. A causa ariana sofria sua primeira derrota, mas haveria de ressurgir em diferentes formas, principalmente nos nossos dias através dos ensinamentos falsos das Testemunhas de Jeová.

O TRITEÍSMO (a noção de que a trindade consiste em três Deuses separados), é comumente defendido pelos mórmons. Tal ensino nega o monoteísmo.

## 5.2 O Que a Bíblia Ensina Sobre a Trindade

Após trazer todas as coisas à existência, por meio de um simples e poderoso “HAJA”, e querendo formar o homem, disse Deus: “FAÇAMOS o homem à NOSSA imagem, conforme a NOSSA semelhança” (Gn 1.26). A respeito do homem após a queda, disse também Deus: “Eis que o homem se tornou como UM DE NÓS” (Gn. 2.22). No relato bíblico sobre a confusão das línguas em Babel, lemos ainda Deus dizendo: “Vinde, DESÇAMOS e CONFUNDAMOS ali a sua linguagem” (Gn. 11.7). Na visão de Isaías, quando Deus ratificou o seu chamamento, lemos que Deus perguntou ao profeta: “A quem enviarei, e quem há de ir por NÓS?” (Is. 6.8).

Foi a propósito que pusemos em grifo os verbos e pronomes pessoais e possessivos que indicam a pluralidade de pessoas nas passagens citadas, como: façamos, nossa, nós, desçamos e confundamos, para mostrar que em todos os casos bíblicos citados, mais de uma Pessoa, portanto a Trindade, se fez presentes. Estas são as primeiras evidências da doutrina trinitária na Bíblia. No Novo Testamento encontramos um maior número de provas que ratificam o ensino bíblico sobre a Trindade, como por exemplo: Mt. 3.16-17; 28.19; 1Co. 12.4-6; 2Co. 13.14; Ef. 4.4-6; 1Pe. 1.2; Jd. 20-21; Ap. 1.4-5.

Tanto no Antigo como no Novo Testamento, títulos divinos são atribuídos distintamente às três Pessoas da Trindade.

A respeito do Pai: “Eu sou o Senhor teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão” (Êx. 20.2).

A respeito do Filho: “Respondeu-lhe Tomé: Senhor meu e Deus meu!” (Jo. 20.28).

A respeito do Espírito Santo: “Então disse Pedro: Ananias, por que encheu Satanás o teu coração, para que mentisses ao Espírito Santo, reservando parte do valor do campo? Não mentiste aos homens, mas a Deus” (At. 5.3-4).

a) Unidade de Ser: Há no Ser divino apenas uma essência indivisível. Deus é um em sua natureza constitucional. A palavra hebraica que significa um no sentido absoluto é *yacheed*(Gn.22:2), isto é, uma unidade numérica simples. Essa palavra não é empregada para expressar a unidade da divindade. A unidade da divindade é ensinada nas palavras de Jesus: Eu e o Pai somos um. (Jo.10:30). Jesus está falando da unidade da essência e não de unidade de propósito. (Jo.17:11,21-23, IJo.5:7)

b) Trindade de Personalidade: Há três Pessoas no Ser divino: o Pai, o Filho e o Espírito Santo. A palavra hebraica que significa um no sentido de único é *echad* que se refere a uma unidade composta. Esta palavra é empregada para expressar a unidade da divindade. Esta palavra é usada em Dt.6:4; Gn.2:24 e Zc.14:9 (Veja também Dt.4:35;32:39; ICr.29:1; Is.43:10;44:6;45:5; IRs.8:60; Mc.10:9;12:29; ICo.8:5,6; ITm.2:5; Tg.2:19; Jo.17:3; Gl.3:20; Ef.4:6).



“Não posso pensar no Único [Deus], pois imediatamente me sinto cercado pelo esplendor do Três; nem posso descobrir claramente o Três, pois sou instantaneamente trazido de volta ao Único”. (Gregório de Nazianzo).

c) Elohim: Este nome está no plural e não concorda com o verbo no singular quando designativo de Deus (Gn.1:26;3:22; 11:6,7;20:13;48:15; Is.6:8)

d) Há distinção de Pessoas na Divindade: Algumas passagens mostram uma das Pessoas divinas se referindo à outra (Gn.19:24; Os.1:7; Zc.3:1,2; IITm.1:18; Sl.110:1; Hb.1:9).

## CONCLUSÃO

A doutrina de Deus só poderá ser compreendida se buscarmos de fato compreender a natureza divina em si. Ela é simples e imutável em natureza e essência. Para esboçar qualquer conclusão sobre Deus, temos de lançar mão da unidade da Trindade, ela precisa ser colocada no primeiro plano, e devemos abandonar definitivamente qualquer idéia de subordinação. Tudo que Deus revelou de si mesmo, afirmou igualmente de cada uma das três pessoas. O Deus único e verdadeiro não é somente o Pai, mas o Pai, o Filho e o Espírito Santo. É por isso que tudo que pertence à natureza divina deve ser expresso no singular, pois essa natureza é única. A trindade possui uma única e indivisível ação e uma única e indivisível vontade.

Assim, a formulação da doutrina de Deus afirma:

- 1) O Pai não é o filho: durante sua vida na terra, Jesus demonstrou um relacionamento pessoal com Deus, o Pai. Como vimos em João 17, Jesus orou ao Pai e falou sobre a glória que eles compartilharam antes da criação. Duas pessoas são necessárias para compartilhar algo, portanto, o Filho é uma pessoa distinta do Pai. Jesus também tem os atributos de uma pessoa e experimentou esses atributos como pessoa distinta. Jesus tem conhecimento, inteligência (Jo. 2.24; 16.30; 18.37) e vontade (Lc 22.42; João 5.30; 6.38).
- 2) O Filho não é o Espírito Santo: em João 15.26, Jesus disse que enviaria o Espírito para ajudar os discípulos e que o Espírito daria testemunho de Jesus. Como vimos anteriormente em João 14.16, Jesus disse que o Espírito é outro Ajudador. O discurso de Jesus sobre o Espírito pressupõe que ele é uma pessoa distinta de Jesus.
- 3) O Espírito Santo não é o Pai: O Espírito Santo vem do Pai (Jo 15.26) e, portanto, não pode ser o Pai. Imediatamente depois do batismo de Jesus, o Espírito Santo desceu na forma de uma pomba, enquanto o Pai falou dos céus. Nesse momento os três foram revelados juntos, cada qual distinto do outro. Então, nenhum deles pode ser identificado como sendo um dos outros. Um aspecto importante no Estudo sobre o Espírito Santo é o fato de ele ser pessoal, e a Escritura usar pronomes pessoais para descrevê-lo, apesar de, no grego, a palavra “espírito” ser neutra. A Única explicação dessa anomalia gramatical é que os autores quiseram destacar a personalidade do Espírito. Em João 15.26 o autor empregou o

pronome masculino “ekeinos” com o neutro “pneuma” e as versões portuguesas corretamente traduzem a palavra como “ele”.

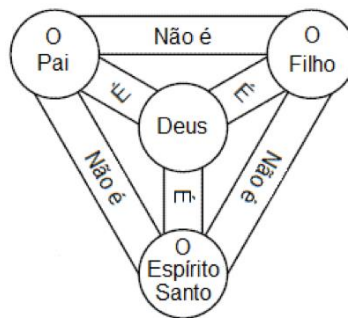
O Pai, o Filho e o Espírito Santo são assim relações, no sentido de que o que quer que cada um deles seja, sempre o é em relação a um ou a ambos dos demais.

### **A UNIDADE DE DEUS**

- O Pai é Deus único
- O Filho é Deus único
- O Espírito Santo é Deus Único.

### **A DIVERSIDADE DE DEUS**

- O Pai não é o Filho.
- O Filho não é o Espírito Santo.
- O Espírito Santo não é o Pai.



Aparentemente Tertuliano estava certo ao afirmar que a Doutrina da Trindade deve ser divinamente revelada, não humanamente elaborada. Ela é tão absurda do ponto de vista humano que ninguém poderia ter inventado. Nós não sustentamos a doutrina da Trindade porque ela é auto evidente ou logicamente convincente. Nós a sustentamos porque Deus revelou que é assim que Ele é. Como alguém disse acerca dessa doutrina:

Tente explicá-la, e perderá a cabeça.

Mas tente negá-la, e perderá a alma.

## REFERÊNCIAS:

**ARMÍNIO**, Jacó. As Obras de Armínio. Vol. 2. Trad. Degmar Ribas. 1ª Edição. Rio de Janeiro: CPAD, 2015.

**BEEKE**, Joel R.; **JONES**, Mark. Teologia Puritana: Doutrina para a Vida. Trad. Márcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 2016.

**BOICE**, James Montgomery. Fundamentos da Fé Cristã – Um manual de Teologia ao Alcance de Todos. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2011.

**BRUNNER**, Emil. Doutrina Cristã de Deus. Dogmática Volume 1. 2ª Edição. Trad. Deuber Calaça. São Paulo: Fonte Editorial, 2010.

**ERICKSON**, Millard J. Teologia Sistemática. Trad. Robinson Malkomes, Valdemar Kroker, Tiago Abdalla Teixeira Neto. São Paulo: Vida Nova, 2015.

**FERREIRA**, Franklin; **MYATT**, Alan. Teologia Sistemática: Uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual. São Paulo: Vida Nova, 2007.

**GEERHARDUS VOS**, Johannes. Catecismo Maior de Westminster Comentado. 1ª Edição. Trad. Marcos Vasconcelos. São Paulo: Editora os Puritanos, 2007.

**HODGE**, Charles. Teologia Sistemática. Trad. Valter Martins. São Paulo: Hagnos, 2001.

**LAWSON**, Steven J. Pilares da Graça. Trad. Valter Graciano Martins – São José dos Campos – SP: Editora Fiel, 2013.

**LUTERO**, Martinho. Catecismo Maior. Trad. Walter O. Schlupp. – São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2012.

**SOUZA**, Sócrates Oliveira de (Org.). Pacto e Comunhão: Documentos Batistas. Rio de Janeiro: Convicção, 2010.

**VANHOOZER**, Kevin J. Deus, Escritura e Hermenêutica. Trad. Regina Aranha e Rogério Portella. São Paulo: Shedd Publicações, 2016.

Vídeo:

<http://voltemosaoevangelho.com/blog/2016/02/a-doutrina-de-deus-na-teologia-reformada/>